



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

26 DE OUTUBRO
ANO XX — N.º 512 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

23 DE OUTUBRO



riormente tão precárias.

No próximo jornal esperamos dar conta de como foi a «inauguração» e ilustrá-la com algumas fotografias.

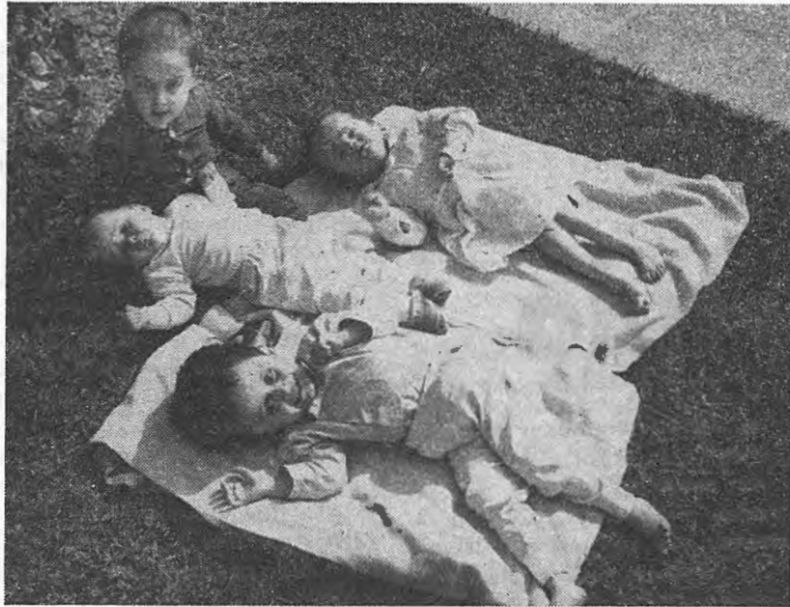
Que a benção de Pai Américo penetre bem fundo na alma dos seus que ora habitam e hão-de morar pelos anos em fora sob aquele tecto levantado pelo seu amor de Pai, pela sua ânsia de dar a voos mais largos os filhos que tivessem asas.

Há vários anos que o aniversário de Pai Américo tem sido marcado pelo casamento de filhos seus. Este, apesar da abundância de novos lares gaiatos que se têm constituído e mais dos que por estes dias se hão-de constituir, não há festa nupcial.

Outro Lar renascerá esse dia com uma face nova. É o Lar do Porto, que, velho, nos abrigou durante 19 anos e agora nos vai acolher rejuvenescido pelas côres claras das suas paredes consertadas e pelas condições de higiene ante-

Visado pela

Comissão de Censura



Foi ninhada de quatro crianças, a que trouxe desta vez da capital. Todos muito bebês, muito estimados, muito alegres. Mas quê? Todos incuráveis, porque hidrocéfalos. Em alguns o crânio encontra-se já bastante desenvolvido. Houve intervenção cirúrgica; porém, a medicina cruza braços diante deles. É mal que esta não pode debelar. O homem, quando se julga grande pelo que opera, há-de simultaneamente considerar-se pequeno pelo que não pode realizar, para ser verdadeiro consigo mesmo.

Foi uma autêntica ninhada! O Mário de quatro anos, o Quim mais a Olinda também da mesma idade, e o Zeca de um ano apenas. Três deles são paralíticos. Dois cegos. E somente o Mário mais o Zeca mentalmente normais. Todos filhos de Pobres. De Pobres com muitos filhos, onde o doente acaba por viver menos anos em consequência da falta do que superabunda tantas vezes em outros meios.

Ora, eles encontram-se agora no seio desta nova família do Calvário. Aqui, o padrão de vida é o da

CALVÁRIO
Todos podíamos ser assim, mas Deus não quis. A riqueza divina que o mundo não aprecia!

família cristã, onde o filho que chega é beação que Deus dá. Por isso, estas quatro crianças são presentemente objecto de muito amor, por quem lhes não é nada, mas aceita voluntariamente o encargo da paternidade, da fraternidade. E o amor, que em Deus radica, não se extingue nem enfraquece com amar mais. Antes, qualifica-se e enriquece-se. Pobres pais, que reduzem o amor a egoísmo, rejeitando os seres que lhes haviam de dilatar o coração ao amor paterno, expressão bem sensível, porque participação, da Paternidade divina.

Mas, estas crianças apresentam disformidade, que as não torna humanamente cativantes. E, sabendo da presença habitual de seres como estes entre nós, visitantes não raro pedem para lhes não mostrarem os anormais. Que não podem vê-los! Em boa verdade, todos receamos os seres anormais. E, talvez, porque traduzem qualquer coisa que poderia ter sucedido connosco. E temos ainda medo que suceda. A existência do mal físico no mundo é mistério, que levanta controvérsia permanente; mas eu tenho para mim que estes anormais, exagerados tantos, são flagrantes que Deus nos prepara para considerarmos que a nossa normalidade não é obra do acaso.

A OBRA DA RUA

em Angola

A partida está marcada para o dia 2 de Novembro no «Rita Maria». Não foi viável a hipótese de irmos num cargueiro, como desejávamos; mas aproximámo-nos dela o mais possível, graças a Deus.

Connosco vai a intercessão da Igreja Triunfante, genéricamente invocada na Festa de Todos-os-Santos e a prece da Igreja Padecente, bem feliz, apesar das suas dores, porque herdeira certa do Céu.

Nesta companhia, vamos nós: mais conscientes da nossa qualidade de membros da Igreja Militante, portanto prevenidos e prontos para o grande e pacífico combate ao serviço da dilatação do Reino; e cheios de Fé e de Esperança

em que, também um dia, estaremos com os Santos do Purgatório e do Paraíso, adoçados tanto mais no sofrer e coroados com tanto mais esplendor na glória, quantas mais almas pudermos apresentar como troféus da conquista empreendida em nome do Senhor.

Este é o significado essencial da nossa ida. Os «velhos do Restelo» podem fiar lamuriando todas as razões de inoprotunidade que a prudência humana cogita. Guiados pela Prudência que Deus dá, nós afirmamos que, se esta é a hora que Ele marcou para irmos, conforme cremos, é a melhor de todas as possíveis.

Por isso vamos alegres e cheios de

CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA

Continua na SEGUNDA pág.

A OBRA DA RUA

em Angola

confiança. E quando digo vamos, incluo no sujeito — sublinho entre os sujeitos — os rapazes que vão.

Quem já viu um «corpo docente», dirigido por um padre e composto por 10 rapazes dos 8 aos 25 anos?!

Cont. da PRIMEIRA página

Pois é assim constituído cada um dos grupos destinado a cada casa. Para uma delas vai uma senhora, que deixa família, a sua casa, tudo... para participar na santa aven-

tura. Para a outra uma rapariga de 23 anos que acompanha o seu marido (É o seu dever!), mas leva desde a «lua de mel» o encargo de uma família já tão numerosa, longe do seu meio, da sua família, de tudo que lhe fala do passado.

Neste momento estão todos na nossa casa de Azurara. Ali tiveram uns dias de convívio com um Padre missionário que os informou e esclareceu sobre assuntos de interesse relativos ao Ultramar. Conservam-se lá ainda, convivendo entre si, como quem faz a rodagem da equipa, e armazena, durante o estágio, energias físicas e psicológicas em vista da boa forma para os dias de prova.

Domingo estive com alguns deles. Até o mais resingão estava tão contente! E eu tão feliz com eles e por eles!

Recebi há dias carta de um Amigo de Angola a quem informara da nossa próxima partida. Na explosão da sua alegria vinha esta afirmação exagerada:

«Começo agora a acreditar que Angola será sempre Portugal».

Exagerada, sim. Não é razão para uma tal fé o simples facto da «Obra do Padre Américo» se instalar em Angola. Mas que pode ser acréscimo de fé — isso sim.

Recordo a confiança de Pai Américo, tantas vezes escutada: «Fazemos grandes coisas como quem brinca!»

A inocência do «Laranjinha» e do Zé Luiz, a vivacidade do Xico de Braga ou do Manel da Creche, a seriedade consciente do Fernando ou do Toquinho, a boa vontade de todos os que foram convidados e aceitaram, o sacrifício de um ou outro, a disponibilidade total das senhoras e dos nossos padres — são valores em que o Mundo não repara, mas são valores absolutos marcados com o selo do eterno.

Não são a garantia de «que Angola será sempre Portugal». Mas mais uma garantia e muito séria, isso são!

Este é o significado accidental da nossa ida.

E que se cumpram os desígnios de Deus!

Calvário

Cont. da PRIMEIRA página so, mas fruto do Seu querer. A atitude mais nobre do homem, criatura racional, é adorar o Senhor que nos criou!

Como eu gosto do Mário e do Quim, mais da Olinda e do Zeca! Pois, eles me ensinam a adorar melhor e a amar mais!

PADRE BAPTISTA

ORDINS

Temos recebido a vossa correspondência, encomendas e esmolas. A todos, em nome do Senhor, muito obrigado.

Mas continuamos a esperar por palavras de compreensão e encorajamento e por novas encomendas. A propósito queria dar-vos a conhecer a lista de algumas peças, feitas pelas nossas tecedeiras, já prontas a seguir: Carpetes, a 170\$00; mantas de tira de nylon, a 80\$00; jogos para quartos, em ráfia, a 40\$00; chales, a 125\$00, 95\$00 e 65\$00; capas para senhora, a 80\$00; camisolas de lã, a 25\$00; écharpes, a 80\$00; pegas, a 4\$00. Também fabricam cobertores, cobertas... Ao fazerdes qualquer encomenda, dirigi-vos a esta direcção: Casa de Jesus Misericordioso — Ordins, Lagares.

Uma notícia de fresco é esta: a Casa das Tecedeiras de Ordins já tem água; não digo bem: explorou-se um poço que fizemos no quintal. Mas agora falta cobrir o precipício, fazer um tanque, ao lado, comprar um motor e fazer a canalização até à casa. Ora isto gasta não poucos contos. E nós aonde vamos buscá-los? Ao cofre, não, que está vazio. Então, a quem? Aos nossos Amigos. Só eles são capazes de nos valer.

Apetecia-nos instar principalmente com os Pobres. Não são os Pobres os que melhor compreendem as necessidades dos Pobres, eles que as sentem na sua carne?

E que alegria todos teremos, quando a Casa das Tecedeiras de Ordins tiver água! Já não é preciso ir buscá-la quem quase não faz outra coisa, pois entre ida e volta gasta quarenta minutos.

És tu dos nossos amigos, ou não? «Os amigos conhecem-se nas ocasiões».

PADRE VIEIRA

Vésperas de partida

Estamos em Azurara, desde quinta-feira, 10 de Outubro. Estamos em reunião de família. Presentes 25 membros.

A finalidade da nossa presença nesta casa e nesta época é a preparação próxima da nossa ida para África.

Fugir um pouco ao bulício do mundo, deste mundo que nos cerca todos os dias e por-mo-nos em contacto com outro mundo que nos espera de braços abertos — Angola.

Por isso viemos para aqui. Pela grande amizade que nos tem o Senhor quis mimosear-nos com dias de Outono tão cheios de beleza e de sol. Foi um mimo da parte d'Ele.

Junto de nós, vivendo a mesma vida, um missionário com vinte anos de África, trouxe-nos pedaços dessa Angola que nos coube em herança.

O amor do pai para com os filhos também se mede pela qualidade de bens que lhes entrega à sua conta. Com o Pai do Céu também foi assim. Estamos certos de que foi por muito nos amar que pôs em nossas mãos a herança preciosa de O irmos servir em terras de África.

Malange e Benguela, sem esquecer a vastidão de toda a Angola, têm-nos ocupado o pensamento durante estes dias.

E à medida que o tempo vai passando mais sentimos o fervilhar do sangue a correr nas veias e o coração a apaixonar-se por aqueles que nos foram confiados e a quem já nos entregámos sem reserva.

Vimo-los passar no ecran: brancos, mestiços e de côr. Vimo-los mais presentes ainda sobre o altar da nossa Capela improvisada, todos os dias. A todos já começámos a amar como carne da nossa carne,

com direito ao nosso suor, às noites em branco, às mil e uma passadas através de estradas poeirentas, ao sol, à chuva, até ao desgaste final.

O Senhor no-los entregou porque muito nos amou.

Somos 25 aqui reunidos. Tantos quantos, se Deus quiser, em 2 de Novembro, hão-de deixar Lisboa a caminho de Angola. Os mais pequenos não passam dos nove anos. Também eles, na simplicidade e alegria tão própria do «Laranjinha» e do Zé Luiz já começaram a amar os seus irmãos mais pequeninos que hão-de viver com eles debaixo do mesmo tecto em terras de Malange e Benguela. Também eles, tanto quanto lhes permite a idade e o entendimento, procuram assumir a responsabilidade do fermento de que são portadores.

Sim, estes dias são tempo de preparação do fermento que há-de levedar a massa que nos espera. Ai do fermento se em si leva o germen da corrupção! Toda a massa se perderá na podridão. Bem ao contrário, se o fermento for bom. Dar-se-á o prodígio de toda a massa se tornar boa.

Por este motivo, durante estes dias procurámos dar trabalho ao Espírito Santo já que Ele e só Ele é capaz de transformar o que não presta em qualquer coisa de útil. E nós somos o que não presta.

Os rapazes que vão conosco estão destinados a ser fermento. Confiamos neles. Pouco ou nada seríamos capazes de fazer sem eles. Bem o sabem. Que sejam bons, muito bons! E que nós saibamos merecê-los.

P.e Manuel António

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

TRIBUNA de Coimbra

Desde Maio que a Tribuna não apresenta a faceta de doutrina que tem revolucionado muitas consciências e entusiasmado vontades e que é uma novidade no nosso tempo — a Providência de Deus manifestada naqueles que nos dão a mão. Para nós há sempre choque quando chega qualquer óbulo. E então quando é óbulo da viúva ou gotas de suor dos Pobres!

Hoje à tarde estava eu a rezar em Santa Cruz e várias pessoas passavam e deixavam mãos abertas nas minhas. Uma senhora segredou-me: «Querida pedir-lhe a esmola das suas orações por um filho que vai casar. Ele é bom, mas está afastado da prática religiosa. Era para Deus o fazer outra vez um católico praticante». Pediu-me a bênção e seguiu.

Fiquei a pensar qual o motivo que leva tanta gente a pedir-nos orações. É o mistério da Comunhão dos Santos. Não somos nós, nem tão pouco os nossos méritos, mas sim a Caridade de Cristo. São os Pobres. É a bênção dos Pobres que Pai Américo tanto desejou para a sua hora e que tão largamente recebeu.

Dois encontros com sr. dr. Juiz que assinala sempre o nosso encontro com mão fechada e coração aberto do carinho que nos tem; logo a seguir um dos donos da Auto-Industrial mandou encher o depósito da nossa Opel. Estes senhores têm conservado a amizade da primeira hora; muitas assinaturas e envelopes e embrulhos no Castelo; 127 de visitantes e 30 de outros; 20 pelo Santo Padre; cem em casa de Senhora amiga; muitas lem-

branças da Avó de Leiria; 250 por alma do Pai e roupas de uso dele que a filha nos quis enviar; cem de Leiria para o Calvário; cem por mais uma netinha e o mesmo para um irmão doente de Uma tripeira em Coimbra; um casal jovem com um filhinho deixam 300; outro com filhinha entregam 500 e garantem a sua paixão de sempre pela Obra; 50 no Lar; o mesmo de Gavião.

Cinquenta da Avó e netinho de Tomar; 20 na Praia de Mira; mais lembranças na mesma Praia e a visita de família muito querida da Covilhã; cem pela passagem da filha; 20 de prestações de Coimbra; 40 na visita a médico conterrâneo; 50 de Coimbra; o mesmo da Colónia Penal de Grândola; cinquenta de visitantes de Lisboa; cem de Miranda pelo bom exame da filha; 300 das Amiguinhas; 500 de Pároco de Coimbra para as Colónias de Férias; 20 de amigo que nunca passa despercebido.

Cem de visitantes; 10+10 dólares de Alberto do Canadá; cem e fruta da Praça da Serra e mais cem e mais cem; cem da Rua do Brasil para o Calvário; 20+10 de Amiga de Coimbra a pedir as melhoras; 20 selos de Lanheses; 1.200 da reunião em Coimbra dos médicos de há 30 anos. Se todos os cursos que se reunem nesta nossa cidade doutora dessem um cantinho aos irmãos Pobres!... Cinquenta de sacerdote vizinho; cem e mais cem de Almodôvar; 50 e mais



PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO

O casamento do chefe DO LAR



Zé do Porto e Maria Clementina

Depois de já estar sabido do seu dever e preparado para ele, o Zé do Porto uniu-se matrimonialmente à sua esposa.

Foi dos rapazes sempre fiéis e com os olhos postos na certeza da felicidade; cumprindo, dando exemplo, ele se preparou para servir.

Era o presidente da nossa Conferência; sempre atento e carinhoso como era seu ser, ele teve mão forte nos remos da barca que ainda conduz. Saiu da Casa do Gaiato, mas a sua alma está cá; ele continua a ser o presidente da Conferência do Lar.

O dia do casamento, para ele e para nós que estávamos juntos, foi o dia mais feliz, o dia mais cheio, dos que temos vivido.

Logo de manhã, todos nos enfileiramos da melhor maneira para irmos assistir à missa na qual se realizou o matrimónio. Foi na ca-

cem na minha aldeia; 300 em vale de Coimbra; 330 de Jof de Coimbra; cem, mais 200, mais 20; mais 8, mais 5, mais 550, mais 15 de visitantes; 385 num casamento de conterrâneos meus; cem à porta de Santa Cruz; cem num armazém de solas e cabedais; 500 em vale de um grupo de amigos de S. Martinho do Porto.

Muito carinho e braços abertos dos Párcos e fiéis das igrejas onde fomos em Agosto. P.e Acílio foi muito contente de Monte Real. P.e Telmo fez a sua estreia no centro e vibrou a sério e veio radiante de S. Martinho do Porto, Luso e S. Pedro de Muel, donde trouxe 12, mais seis e meio, mais quase oito. A Figueira da Foz, a rainha das praias, foi-o também nas suas sacas: passou de 31.

Ficou-nos em tudo, muito mais do que auxílio material, o estímulo da colaboração cristã.

P.e Horácio

pelinha de Cedofeita. Juntamente para assistir à festa vieram rapazes de Paço de Sousa e grande parte dos senhores Padres da Obra.

Durante as cerimónias uma luz muito forte, vinda do céu, iluminou e uniu para sempre os dois noivos. Já não eram dois; para sempre um, diante de Deus e dos homens.

Como é costume os respectivos fotógrafos prontos para dispararem as suas máquinas, e as primeiras felicitações aos novos casados. Em montes, ou de pé, sérios ou distraídos, fomos fotografados para enchermos um album que eles guardarão com o maior amor e cuidado.

Foi mais do que uma alegria neste momento. Ambos sentiram quanto a Casa do Gaiato queria a felicidade de ambos, eles notaram por certo a alegria que reinava em toda a casa e ainda mais neles próprios.

Falando do jantar; houve aqui que mencionar o trabalho amoroso que todos em conjunto dispensaram para o bom sucesso e agrado desta reunião, a mais familiar, com relação aos noivos. Não queria referir-me à fartura e ainda mais aos primorosos licores da Snr.ª D. Diamantina, simplesmente me refiro aos ditos de brindes, ao contentamento incomparável que todos sentiam na sala de jantar.

Os noivos sentaram-se na mesa do meio, e ao lado os padrinhos respectivos e os convidados



Fernanda e Manuel Fernando, que foi o «Russo» da cozinha e hoje é um digníssimo funcionário do Hotel Infante de Sagres.

restantes; sendo ao todo cerca de 40 pessoas, a contar ainda mais 30 rapazes do Lar.

Conseguimos, no fim, ainda tirar algumas fotos com os noivos.

A Festa terminou ao pôr do sol, mas a alegria que lhes nascera há momentos cremos que continuará para sempre.

Eles são felizes, porque Deus os guarda.

A nossa casa, agora mais ampla e limpa, está apta a receber mais rapazes e estes mais aptos a viverem nela, porque depois de tantos trabalhos, modificações e arranjos ela ficou ao gosto de todos nós.

Todos os apartamentos estão mais

amplos; a cozinha é uma maravilha e as outras salas idem; a par destas lindas salas houve que ter o cuidado de se arranjar luz e mobiliário também de boa qualidade. O ringue de patinagem é de construção forte e tem dois holofotes em dois dos seus ângulos: já alguns dos nossos colegas trouxeram patins de Paço de Sousa e agora todos temos uma certa predilecção pela patinagem. O nosso tempo aqui em casa, dá-nos por agora oportunidades para nos divertirmos, e a nossa diversão vai agora para o ringue. Não será, pois, fora do assunto pedir-vos patins para ocupar o tempo a esta gente do Lar.

Os lavadinhos são óptimos para que assim se possa lavar a roupa cá em casa, e, agora, também temos uma máquina de lavar. Outra pessoa muito amiga, como vós, lembrou-se de nós e mandou-nos um frigorífico. Por infelicidade ele não tem conserto.

No entanto estamos de corações abertos pedindo graças de Deus pela gratidão que vos devemos. Como vêm nós estamos na mesma sem frigorífico. Essas casas comerciais que acordem!

Uma repartição bem arranjada foi construída para os animais domésticos: são os galinheiros. Desde então temos estado contentes com as novas ninhadas de pintos e ainda mais com as dos coelhos.

O Fiães, que é o rapaz da limpeza, ganhou amor aos coelhos; isto se pôde notar quando no sábado passado morreu um pinto de uma ninhada. Quando me apontava

as covas que tinha feito para os quatro anteriores, dizia: «Já foram quatro esta semana e agora mais um!»

Ao fundo do quinteiro temos uma ramada pequena, produtora de uvas americanas. Há vindima oficial sem vindimadores. Elas são públicas cá em casa e nós concordamos, especialmente porque já lhes conhecemos a categoria.

Tudo corre bem, queridos leitores, desde a casa ao ambiente.

Vieram agora, nos inícios de Outubro, os estudantes do Liceu para frequentar aulas no sempre amigo e carinhoso Colégio João de Deus.

Esperamos que possais acompanhar-nos sempre com a vossa caridade, pois temos além de tudo a nossa Conferência um pouco mais pobre do que dantes.

Façam todos presente que Deus vos gratificará.

Orlando da Rocha

SETUBAL

MUSICA. — Eles e os instrumentos. Quem há praí que não goste de música? Pois cá em casa, a música, o Coral, torna-se uma necessidade. São rapazes, é o passatempo, é a cultura! Ele há cá rapazes de muito brio e de muita vontade. Duas vezes na semana, vem um mestre ensinar. O próprio

mestre é matéria de muito esforço da vontade de alguns dos nossos para abdicar do seu sustento. Da vontade de alguns dos nossos, temos também ganho entusiasmo. Senhor Padre Acílio é o que mais se entusiasma. Ele vê que os «músicos» já sabem alguma coisa, e cada vez há mais alegria. Fica triste quando quer arranjar instrumentos, e não tem com quê.

Eu não peço descaradamente, porque isso é feio, mas... Música é música, e a alegria é dos gaiatos.

Instrumentos, quem nos dera deles!

BATATAS. — Batatinhas e batatões. Toda a gente sabe de quem se fala. São Batatas de carne e osso, são os nossos mais pequeninos. É a beleza trazida de onde não há pão nem educação, são as flores tiradas da lama das barracas, onde iam definhando e murchando à mingua de «Sol e luz». É um regalo vê-los, desordeiros, brincalhões, a varrer as ruas e a regar os jardins. Este é o trabalho mais rendoso das Casas do Gaiato.

Se tivessem ficado agarrados ao lodo em que nasceram, seriam amanhã habitantes de hospitais e prisões. Quanta paz, quanta alegria, sabor e amor com a presença dos nossos Batatas. E intranquilidade por não podermos trazer todos os batatinhas que vão mirrando à falta de sol e amor.

Ernesto Pinto

CONT. NA QUARTA PÁGINA



VISTAS DE DENTRO

SEPADRE Carlos mais eu entrámos na carpintaria. Tónio Carpinteiro aparece com o nariz esmurrado.

— Que foi isso, andaste ao murro? — perguntou Senhor Padre Carlos.

— Cai — disse o Tónio com meio sorriso.

— Foi?

— Caiu — respondi eu.

Para nossa salvação a conversa caiu num saco de batatas que o Cobra tem ao lado do seu banco de carpinteiro. Fiquei ansioso por perguntar ao Cobra como é que as comia — assadas, cosidas ou fritas? Apenas o encontrei — zás: «são prá cozinha», respondeu.

Aqui para nós... o Tónio caiu sim, mas embrulhado com o Campanera... rolando os dois entre murros e pó. Grandes marotos!

Passados dez minutos, já o Campanera estava na sala de curativos a pedir perdão ao Tónio. Bem.

OZé Maria no fim de esfregar a panela, ficou a reluzir. Neste momento, apareceram uns senhores a saber dum eiccone. O Zé não

hesitou e lá foi a mostrar a Aldeia.

Vi a «cara de enjoado» que os senhores fizeram quando se despediram do pequeno gaiato.

Ora, nós somos uma família que trabalha. Não temos fecho corrido e sala de espera, que nos dê tempo aos arranjos de emergência. As nossas portas estão sempre abertas e nós somos assim. Claro que — como em todas as famílias numerosas — acontecem deslizos e imprevistos:

É o Feliciano que anda às semanas inteiras sem botões na carcela; é o João Baptista com um medo terrível da água; é o ranho no nariz do Piriquito.

Ai, se nós tivéssemos só um gaiato!

Pobres de nós — pelo esquecimento dos outros!

Pobre dele — pois condenado à planície encharcada do egoísmo.

Somos 183. As nossas camisas «de fora» e, às vezes sujas,

são um S. O. S. a tantos encadernamentos vazios.

Tomem nota os senhores, que olharam com certo nojo para um rapaz, sujo por ter acabado de lavar uma panela.

Pra outra vez acarinhem o tisonado.

ENTREI na adega — pé ante-pé... P.e Manuel e P.e José Maria em conferência de alto-nível, animadamente, discutiam os problemas vinícolas.

— Quanto de ácido tartárico? — P.e José Maria.

— Isso, conforme a capacidade do lagar; tenho tudo apontado. Depois dou-te — respondeu P.e Manuel. E continuou:

— O que deves ter cautela é com as limpezas e a transfega: e olha, a chave... uma grande responsabilidade! A chave da adega... Toma conta. A chave...

P.e TELMO

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

AGORA

A Procissão, hoje, começa por um esclarecimento a um seu devoto de Luanda. Estranha ele que em recente entrega de casas do «Património dos Pobres» na cidade não se tenha feito uma referência à origem do movimento: uma inspiração de Pai Américo que rolou qual bola de neve que nem o calor de África derrete.

Ora os vicentinos não estão usando abusivamente do nome. Os vicentinos foram sempre os declarados da primeira linha e tão queridos por Pai Américo que ele declarou ser melhor não fazer casas onde não houvesse vicentinos.

O silêncio deve ter sido, pois, casual, ou mesmo, conseqüente a referências passadas em passadas entregas de casas.

E já que começamos, respondendo-lhe, ele aí vai no grupo que, por não ter lei certa de aparecer, nós chamamos de *Avulsos*. Com ele, alinham: Esmoriz com uma promessa; no Espelho da Moda um anónimo com um conto e outro com 12 deles; o Eduardo, de Lisboa, com 600\$ (a dividir pelo Jornal e pelo Calvário) e o pedido de uma Missa; «Os Bairristas do Palácio» aqui voltaram pela 8.ª vez e deixaram 1.254\$10; e este Domingos, de Lisboa, fiel à sua ideia que voltamos a propor a outros de boa vontade:

«Como prometi ao reconhecer-se a inutilidade dos seus esforços para conseguir com a companhia do Totobola, melhorar o aspecto social da nossa nação proporcionando casas aos que a não têm nem possibilidades de a ter, venho à sua presença com um cheque no valor de 5% referente ao prémio que me coube.

Se o Senhor Padre Carlos lançasse essa modalidade, outros poderiam aderir mostrando à Nação quanto vale a iniciativa particular comparada com a oficial.

Com a mensagem vinham 1.036\$30.

Passam agora os vários que contribuem para uma casa com determinada legenda. Cinquenta de Olho Marinho para a *Casa Rainha das Virgens*.

«A importância que junto, (450\$00) refere-se a um aumento de vencimento e muito gostaria fosse distribuída, em partes iguais, pelo Calvário, Património dos Pobres — pequena pedra para a Casa de N. Senhora do Carmo — e para essa Casa. É um testemunho de gratidão a Deus por mais esta graça que, por Sua Misericórdia, me concedeu.»

E 1200\$00, «1.º aumento do meu ordenado destinam-se para a *Casa de N. Senhora do Carmo*, que tão esquecida tem andado. Sabe? Eu não a construí ainda no meu coração; daí ela não ser já uma realidade».

Surge agora o simpático grupo dos *Pessoais*: O da HICA, com 1876\$40, 1979\$10 e 1877\$50. E, como de costume, ao Pessoal juntou-se a Administração com a sua prestação relativa ao 1.º semestre: 14.388\$90.

O da Panificação com duas vezes 190\$ e outra 187\$50.

O da Caixa de Previdência do Distrito do Porto, mandou 141\$ por uma vez e 285\$ por outra.

Finalmente os funcionários da Caixa Textil, enviaram, «produto de 1\$00 mensal»: 174\$+163\$+182\$50+167\$00.

Vêm agora aí os de todos os meses, quase todos mais de uma vez:

O que poupa 20\$ ao tabaco, mais o E. D. M., mais aquele Major de Lisboa, tão amigo do Património, de Belém e de Ordins; mais a Alda do Ribatejo; mais a Maria do «Pequeno Louvre»; e alguém de Miramar que sempre pede a conversão de um chefe de família; e outro de Lisboa que pede boa sorte para o seu filho, «que tão pouca tem sido»; e outra, da Guarda, que põe em dia as suas prestações de Janeiro a Julho (inclusivé).

E vamos agora ao rancho maior. Já todos sabem qual é: *o das casas a prestações*:

«Oração», duas vezes com 1500\$ cada. O casal assinante de Aveiro fica na 68.ª prestação. «Um assinante» de Lisboa, atingiu a 47.ª. O Engenheiro da R. P.e Sena Freitas está em dia com os seus 100\$ mensais. A «Mãe que crê em Deus», na mesma. Outra Mãe:

«Querendo assinalar a entrada do 3.º filho no seminário, quero enviar 200\$00 das minhas economias, para dar início a uma casa do Património, chamar-se-há Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Por agora será uma ilusão minha, pois as minhas economias são pequeninas, mas tenho fé em Deus que hei-de dar uma casa aos pobrezinhos e ter pelo menos um filho sacerdote missionário.»

E outra, de Lisboa com 500\$, com os quais perfaz 3450\$00. O Alberto do Plano decenal, anda um nadita atrasado. Deus queira não seja nada de ruim na sua vida.

Helena aí está três vezes e alcançou a 40.ª prestação da «Casa de S. Francisco». Cruz da Beira, mandou 1000\$+1000\$. Mais 300\$ para a «Casa Caroli-

na» e 100\$ para a «Casa em louvor de S.ta Terezinha».

Ora aqui está alguém há muito ausente com cheque de mil, «um empurrãozinho à *Casa dum Curso de Marinha*, há tanto começada e ainda em atraso, o que tanto me desgosta. Que Deus ajude a todo para que possam e saibam ajudar». Amen.

Para a *Casa N.ª S.ª das Candeias*, 100+20.

Duas vezes 200 da noiva do «Sempre feliz casal de Noivos» que já deve ter partido para Angola ao encontro dele. Duas presenças do Assinante 6790.

Mil, da Beira, para a *Casa N.ª S.ª da Boa Hora*.

Mais 200\$ para a *Casa do António e do Fernando*, que soma agora 10 contos.

1500\$ de alguém do Banco de Angola, muito amigo, «para nova prestação de uma casa».

E este conhecidíssimo «Desconhecido» que só de vista o é:

«Ao partir com a família para modestas férias, com relativa despreocupação material, graças a Deus, não posso esquecer que

tenho em construção no «Património dos Pobres» a casa «Pio XII» para a qual tomei o compromisso de entregar 12.000\$00.

Junto à presente 2.500\$00 atingindo assim o nível dos 5.000\$00. Preciso, a partir de agora pensar nos 7.000\$00 que ainda faltam pois das muitas famílias sem lar há uma que aguarda sob a protecção daquele que foi um grande Papa da Críandade, a entrega dum pequena parcela do muito que a sociedade deve aos Pobres e aos desprotegidos.

Creia sempre na amizade e dedicação dum
Desconhecido».

ou três com um cesto. Correu tudo bem. Ao meio dia fomos almoçar, e de tarde continuámos. No primeiro dia apanhámos as brancas, no segundo é que apanhámos as pretas, para se fazer vinho branco e vinho tinto. Nós gostámos muito de ir ao lagar, para vermos a esmagar as uvas, e por isso levámos uns cestos muito pequeninos. Graças a Deus tudo correu bem. Todas nós gostámos de fazer a vindima. Mas até o vinho ir para as cubas deu muito trabalho. E ainda há-de dar mais. Deus queira que fique bom pois precisamos de o vender para pagar as despesas que dá a quinta.

Edite

PAÇO DE SOUSA

UVAS — Senhor Padre Manuel,



PELAS CASAS DO GAIATO

BELEM

AS VINDIMAS — Nos princípios de Outubro fizemos a nossa vindima. Começámos logo de manhã. A nossa mãe já nos tinha avisado para não comermos uvas demais que nos podiam fazer mal. Mas a verdade é que algumas andavam sempre a depernicar. As mais velhas começaram primeiro. As da escola só começaram quando a Senhora Professora veio. A nossa mãe deu um canivete a cada uma. Havia poucos cestos, por por isso tinham que andar duas

aqui há dias, lembrei-me mais uma vez o respeito que se deve ter com elas. Que as uvas são de todos, e para todos, e que portanto não temos nada que abusar delas.

Dias depois do aviso, quando descia a Avenida da Nossa Aldeia, acompanhado do Melo, deparo na minha frente com alguns visitantes a comerem uvas.

Lembrei-me do dito aviso, e dirigi-me a eles, contei-lhes as consequências que as uvas nos davam. Resposta pronta: «Foram uns miudos que nos deram...»

Ora pela maneira como me responderam, não pareciam ter consciência do que diziam para aceitarem uvas dum criança!

Fausto Teixeira

DOCTRINA

PENSANDO em cristão (e assim seria lógico que fosse num Povo que se declara cristão) nunca a Assistência será verdadeira senão tiver por alma a Caridade.

Já no plano natural a Assistência, como a Saúde, é algo de muito delicado. Trata com deficiências humanas, que têm sempre reflexos de dor na alma dos que precisam dela. Tratar bem Pobres ou Doentes, não é o mesmo que dar de comer, ou abrigar, ou pensar a ferida de um animal que se encontrou prostrado à beira do caminho.

Requere-se em quem trata uma delicadeza interior que tenha em vista o sofrimento moral dos que sofrem fisicamente e procure curar também aí, nesse lugar escondido onde não chegam os remédios de Farmácia.

Este predicado, esta atenção, pode ser ainda um dom natural. Mas não é fácil mantê-lo, com o desgaste que a repetição provoca na sensibilidade, sem o vigor de outro dom, que haja em nós, embora não de nós, mas de Deus — e esse dom é a Caridade.

Pensando em cristão, agindo em cristão (e ilógico será que entre os portugueses aconteça de outra sorte!) eu não vejo como se possa separar o que se distingue, Caridade e Assistência, sem matar esta pela ausência daquela.

E sendo assim, se a Assistência queda uma figura convencional e morta sem a Caridade, que é dom de Deus, como pode alguém fazer Assistência verdadeira, sem um chamamento divino que denominamos vocação?!

Se ele se fala em vocação para advogado, ou engenheiro, ou mecânico, ou tipógrafo, tratando da tendência natural que alguém manifesta para um ramo de ciência ou para uma arte — quanto mais rigoroso não é o uso da palavra quando se trata de uma vida gastada ou a gastar ao serviço dos que sofrem?

Parece-me isto claro (ao menos relativamente aos portugueses que, maciçamente

se declaram cristãos!) embora saiba que no plano dos factos não acontece assim.

No mundo da Assistência topamos com muitos cadáveres, tantos quantos ali estão como poderiam estar em qualquer outra secretária de qualquer outra repartição.

A quem falte a Caridade (e nela se incluem a Humildade, o espírito de Pobreza e um coração pouco dado à mesquinhez) falta com certeza a vocação para a Assistência. Melhor seria para esse, e para os outros, que gastasse as suas energias alhures e ganhasse de outra forma (decente mais eficaz e consequentemente mais honrada) a sua vida. Por exemplo: dando pareceres, se calha ser-se homem de direito... Ou outra coisa qualquer...

Sim, de facto, não acontece correntemente como parece claro que devia acontecer. E não é fácil que aconteça onde o horizonte das vocações (até no mero plano da orientação profissional) é de uma estreiteza confrangedora.

Por isso, quando entre dezenas de cadáveres, aparece a vida irradiante de um chamado, quanto se não devia estimar e respeitar esse chamado, já não digo por causa dele mesmo, mas pelo dom da sua vocação posta ao serviço da comunidade!

Também no Mundo da Assistência precisamos de pedir ao Senhor e merecer dEle a graça de muitas e boas vocações. E que Deus nos livre das artimanhas do Demo, que ruge e ronda para nos roubar os raios que ainda há.

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes